

“Corpos Castrados”: Testemunhos de Resistência Autoinfligida aos Poderes da Heteronormatividade

"Cuerpos Castrados": Testimonios de Resistencia Autoinfligida a los Poderes de la Heteronormatividad

"Castrated Bodies": Testimonies of Auto Inflated Resistance to the Powers of Heteronormativity

Lic. Douglas de Oliveira Domingos¹

Dra. Regina Baracuh²

Resumo

Para filósofos e sociólogos, o ato de tirar a própria vida, embora seja aparentemente individual, é cercado por circunstâncias sociais, visto que o suicídio está enraizado em uma população; nela se recria, dela se nutre e através dela, vive. Apesar disso, a discussão sobre o tema sofre interdições constantes das instituições que mediam informações e constroem o verdadeiro da época, como a mídia, a escola, a família e a Igreja. Com a disseminação do acesso e dos efeitos das mídias digitais, enunciados-acontecimentos sobre suicídio têm emergido e se acumulado no ambiente virtual. Considerando tais condições de possibilidade e pensando com Michel Foucault, analisamos discursos sobre o suicídio como um produto resultante de fatores sociais, como uma resistência autoinfligida contra as técnicas de objetivação que incidem sobre o corpo homossexual ou transexual. Nosso *corpus* consiste na música *Indestrutível*, interpretada por Pablo Vittar e suas reverberações nas redes digitais. Selecionamos dois vídeos publicados no *YouTube* e um texto publicado no *Twitter* contendo depoimentos de sujeitos assumidamente homossexuais ou transexuais sobre objetivações de seu corpo e a relação disso com o sofrimento psíquico. A fim de analisar os relatos, utilizamos as noções de enunciado, dispositivo, corpo discursivo, parresía, dentre outros. Verificamos, também, até que ponto a resistência provoca incisões através de sacrifícios que ganham ressonância nas redes sociais. Isso hipervisibiliza confissões íntimas que, no entanto, já se acumulam no corpo social e seguem silenciadas ou ofuscadas pela heteronormatividade.

Palavras-chave: Análise do Discurso; homofobia; tentativas de suicídio.

Resumen

Para filósofos y sociólogos, el acto de quitar la propia vida, aunque sea aparentemente individual, está rodeado por circunstancias sociales, ya que el suicidio está enraizado en una población; en ella se recrea, de ella se nutre ya través de ella, vive. A pesar de eso, la discusión sobre el tema sufre interdicciones constantes de las instituciones que miden informaciones y construyen lo verdadero de la época, como los medios, la escuela, la familia y la Iglesia. Con la diseminación del acceso y de los efectos de los medios digitales, enunciados-

¹ Licenciado em Língua Portuguesa; Universidade Federal da Paraíba; João Pessoa, Paraíba, Brasil; douglasdeoliveira55@gmail.com.

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa; Universidade Federal da Paraíba; João Pessoa, Paraíba, Brasil; mrbaracuh@hotmail.com.

acontecimentos sobre suicídio han emergido y acumulado en el ambiente virtual. Considerando estas condiciones de posibilidad y pensando con Michel Foucault, analizamos discursos sobre el suicidio como un producto resultante de factores sociales, como una resistencia autoinfligida contra las técnicas de objetivación que inciden sobre el cuerpo homosexual o transexual. Nuestro corpus consiste en la música indestructible, interpretada por Pablllo Vittar y sus reverberaciones en las redes digitales; aquí seleccionamos dos videos publicados en YouTube y un texto publicado en Twitter conteniendo testimonios de sujetos asumidamente homosexuales o transexuales sobre objetivas de su cuerpo y la relación de ello con el sufrimiento psíquico. A fin de analizar los relatos, utilizamos las nociones de enunciado, dispositivo, cuerpo discursivo, parresía, entre otros. Verificamos, también, hasta qué punto la resistencia provoca incisiones a través de sacrificios que ganan resonancia en las redes sociales. Esto hipervisibiliza confesiones íntimas que, sin embargo, ya se acumulan en el cuerpo social y siguen silenciadas u ofuscadas por la heteronormatividad.

Palabras claves: Análisis del discurso; homofobia; los intentos de suicidio.

Abstract

For philosophers and sociologists, the act of taking own life, although apparently individual, is surrounded by social circumstances, since suicide is rooted in a population; in it is reborn, it nourishes itself and through it, lives. Nevertheless, the discussion about the theme undergoes constant interdictions of the institutions that mediate information and construct the true one of the time, like the media, the school, the family and the Church. With the dissemination of access and the effects of digital media, suicide-events-statements have emerged and accumulated in the virtual environment. Considering such conditions of possibility and thinking with Michel Foucault, we intend to analyze discourses about suicide as a product resulting from social factors, such as a self-inflicted resistance against the techniques of objectification that affect the homosexual or transsexual body. Our corpus consists of the Indestructible music, interpreted by Pablllo Vittar and its reverberations in the digital networks; here we have selected two videos published in YouTube and a text published on Twitter containing testimonials of supposedly homosexual or transsexual subjects about objectifications of their body and the relation of this with the psychic suffering. In order to analyze the reports, we will use the notions of statement, device, discursive body, parresía, and others. We will also verify to what extent resistance causes incisions through sacrifices that gain resonance in social networks. This hypervisibilizes intimate confessions which, however, already accumulate in the social body and are silenced or obfuscated by heteronormativity.

Keywords: Discourse Analysis; homophobia; suicide attempts.

1. Introdução

Eu lembro quando eu apanhava no colégio, eu lembro disso até hoje. Então quando eu tava gravando o clipe, tem uma parte que eu choro no clipe... Realmente eu lembrei das coisas que eu passei. Não só das coisas ruins, mas das coisas boas também que eu aprendi. E realmente isso me emociona. Muita gente se mata hoje em dia porque não tem o apoio da família, não tem o apoio dos amigos. E eu falo toda vez: pais de filhos LGBTQs, abracem seus filhos antes que seja tarde demais. O preconceito machuca e mata. Literalmente.

(Pablllo Vittar, 2018)

Isto é apenas um relato. Quão dúbios os sentidos da frase imediatamente anterior podem ser? Rechaço e desprezo que ecoam em mais um desabafo de uma celebridade midiática ou poderíamos enxergar uma regularidade de um dizer que se insere em uma constelação de tantos outros enunciados semelhantes? Ambos os sentidos coexistem. E se digladiam nas discrepâncias da sociedade. Estabelecem entre si relações de saber-poder que serão alvo deste artigo.

Através de moldes padronizadores, a heteronormatividade tenta enquadrar os sujeitos e objetivá-los, como se guiada por uma ciência régia. Com a posse do próprio corpo e da sexualidade, eles recorrem à resistência para destruir os moldes e alcançar a liberdade de exercer suas subjetividades.

As palavras de Pablo Vittar, em entrevista concedida ao programa *Saia Justa* (GNT), referem-se à sua experiência pessoal com o clipe da música *Indestrutível*, composta por Pablo Bispo, Rodrigo Gorky e Maffalda, e interpretada pela *drag queen*. O vídeo alcançou mais de 13 milhões de visualizações no *YouTube* desde que foi lançado, no início de abril deste ano. O clipe associa a letra da música à homofobia e ao *bullying* que geram sofrimento físico e psíquico à comunidade LGBTQ.

Um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia reforça a fala de Pablo: em 2015, 3% dos homens homossexuais e 5% dos bissexuais tentaram cometer suicídio no Brasil, contra 0,4% da população masculina geral brasileira (SAMORANO, 2017). E, embora a percentagem pareça irrelevante, milhares de casos de suicídio acontecem todos os anos no nosso país. Segundo o Ministério da Saúde, entre 2011 e 2016, 62.804 pessoas tiraram a própria vida (SAMORANO, 2017).

Diante de tais circunstâncias, é necessário que lancemos luz sobre essas minúcias tão opacas e, ao mesmo tempo, tão evidentes em nossa sociedade, a fim de realizarmos um diagnóstico do presente, conforme nos propõe Michel Foucault. Assim, o diagnosticador – ou analista do discurso –, “pelo gesto mínimo que consiste em deslocar o olhar, visibiliza o que é invisível, faz aparecer o que está próximo, tão imediato, tão intimamente ligado a nós que, exatamente por isso, não o vemos” (FOUCAULT, 1978, p. 594 apud ARTIÈRES, 2004, p. 22).

Para discutir as relações de força entre a heteronormatividade e a resistência LGBTQ, debruçamo-nos sobre o clipe da música *Indestrutível* e suas reverberações nas redes digitais, delimitando os aspectos discursivos de depoimentos dados por jovens homossexuais ou transexuais em materialidades sincréticas (vídeos e textos verbais). Tanto para a escolha do tema quanto para a análise descritivo-interpretativa aqui empreendida, partimos dos postulados de Michel Foucault e das ressonâncias do seu pensamento nas pesquisas brasileiras em Análise do Discurso, entremeando conceitos de enunciado, acontecimento discursivo, corpo, dispositivo e parresía.

Em toda a sua vida intelectual, Foucault passou por várias áreas do conhecimento e, até hoje, suas obras são lidas por estudantes e professores de Psicologia, História, Filosofia, Sociologia, Medicina e Linguística. Sua relação com esta última área é a que nos interessa neste trabalho.

Apesar de o discurso ser considerado um dos focos centrais de seu pensamento, Foucault não pretendeu inaugurar uma teoria, mas sim propor reflexões “sobre as transformações históricas do fazer e do dizer na sociedade ocidental – práticas discursivas que provocam fraturas, brechas e rearranjos nas configurações do saber-poder” (GREGOLIN, 2015, p. 7). Para ele, o discurso constitui as coisas e delas se apropria como objetos. Inicialmente, em suas obras, o filósofo traça uma arqueologia dos saberes científicos, investigando as condições históricas de emergência de enunciados que objetivaram o homem. Em fase posterior, esquadrinha uma genealogia do poder que se embasa nos saberes produzidos para construir sujeitos adestrados e docilizados, também resistentes a essas estratégias de disciplina. Por fim, pensa uma genealogia da ética e da estética de si que descortina zonas de invenção nas quais os sujeitos exercem práticas de liberdade através da constituição de suas subjetividades.

Voltamos nosso olhar para o método a que genealógico de Foucault com o propósito de discutir as relações de saber-poder heteronormativas que, no nível da pele e da mente, incidem sobre corpos desejosos por liberdade, perseguindo-os, normalizando-os, estigmatizando-os, abominando-os, surrando-os, assassinando-os e voluntariando-os à morte. Também é nossa meta verificar as práticas de objetivação mencionadas nos depoimentos como razões para o sofrimento dos sujeitos que os enunciaram.

Partimos da hipótese de que a discursivização do suicídio nas redes digitais pelos sujeitos que tentaram cometê-lo caracteriza-se como uma prática de resistência autoinfligida aos poderes heteronormativos e se apresenta como uma possibilidade de reinvenção, impulsionada pela representatividade que a comunidade LGBTQ experimenta na era midiática digital.

Assim como Léo, Tiago Fabri, Alexandre Duarte e Mandy Candy – sujeitos reais deste estudo – o próprio Michel Foucault sofreu, na pele e na mente, as angústias provocadas por um ambiente em que a sua homossexualidade não podia ser plenamente vivida, pela normalização que ele mesmo chamou em suas obras de práticas divisoras – “o são e o louco, o doente e o sadio, o criminoso e os ‘bons meninos’” (FOUCAULT, 1995, p. 231). “Ao voltar

de suas frequentes expedições noturnas pelos pontos de encontro ou bares de homossexuais, Foucault fica prostrado durante horas, doente, aniquilado pela vergonha” (ERIBON, 1990, p. 41). Como palpitou o então médico da École Normale Supérieure, dr. Étienne³, talvez em decorrência dessa asfixia moral, Foucault tenha tentado suicídio algumas vezes. E quantos outros, neste século, sofrem e tentam cometer o irreversível? Quantos corpos objetivados e feridos? Ainda em 2018, “o preconceito machuca e mata”. Literalmente.

2. Vida em preto e branco: o dispositivo da sexualidade na construção das anormalidades

Posso ir até o fim do mundo, posso me esconder, de manhã, debaixo das cobertas, encolher o máximo possível, posso deixar-me queimar ao sol na praia, mas o corpo sempre estará onde eu estou. Ele está aqui, irreparavelmente, nunca em outro lugar. Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, eu me corporizo.

(Michel Foucault, 1966)

Se o sexo desvela nossa intimidade e expõe o nosso utópico eu interior, já que “contrariamente aos outros interditos, os interditos sexuais são sempre ligados à obrigação de o sujeito dizer a verdade sobre si mesmo” (PORTOCARRERO, 2008, p. 423), como essa singularidade seria atingida pelos processos de objetivação que incidem sobre a sociedade?

Quando o jargão popular “a culpa é da sociedade” se espalha de boca em boca, parece ignorar que cada um de nós dela faz parte e com ela estabelece relações imediatas, permanentes e íntimas. Ao mesmo tempo em que se instituem esses laços entre os sujeitos, abre-se um fluxo de relações de poder que os atravessa. Pensar desse modo nos leva a entender que, assim como a sociedade, o poder não é um bloco pesado, uma região centralizada de onde emanam todas as forças, mas “se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p. 89). Assim, médico e paciente, artista e ídolo, mãe e filho, *youtuber* e internauta exercem entre si relações de poder amparadas em saberes construídos historicamente e que garantem

³ Na biografia de Michel Foucault, escrita por Didier Eribon (1990, p. 41), a seguinte declaração é atribuída ao médico, dr. Étienne: “Esses distúrbios provinham de uma homossexualidade muito mal vivida e muito mal assumida”.

significado, consistência e credibilidade às práticas cotidianas. Dessa forma, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2014, p. 31).

As noções desenvolvidas por Foucault mostram-nos a ligação intrínseca entre a sexualidade – elemento aparentemente tão íntimo do ser humano – e as relações microfísicas de poder, que determinam as práticas discursivas e não discursivas. Isso parece ainda mais assustador quando percebemos que, sobre nosso corpo, este mesmo com o qual nos defrontamos no espelho, incidem diretamente os poderes que tecem a sociedade. Os nossos corpos são materialidades discursivas, uma superfície profunda de nós mesmos, “a realidade mais concreta dos indivíduos”, estrutura em que o poder investe através do controle detalhado de “gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos” (MACHADO, 1979, p. XII). Todo esse investimento, entretanto, não se caracteriza somente por ações repressivas que exigem a obediência, mas também – e talvez mais – por uma “positividade” do poder que ordena através de sutilezas, da construção de verdades e de sujeitos, da produção de corpos dóceis e adestrados que se sentem seguros quando observados por câmeras e regulados pelo Direito, por exemplo.

O sexo, como parte constituinte – e até constituidora – do nosso corpo, também é intimamente atingido – e objetivado – pelas relações de saber-poder. Foucault nos mostra através de suas análises que sofremos interdições sobre o nosso dizer, o nosso agir e até mesmo o nosso pensar. Não temos o direito de enunciar qualquer coisa, em qualquer momento, em qualquer lugar. E, segundo ele, “as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política”, pois “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1999, pp. 09-10).

No livro *A História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1976), um dos quatro volumes que Foucault dedicou ao tema da sexualidade, vamos ao encontro das reflexões sobre a discursivização do sexo e de um concomitante processo de construção de uma ciência da sexualidade a partir do século XVIII.

Enquanto, na Antiguidade, os gregos enxergavam o sexo como um caminho para a busca dos prazeres que lhes proporcionaria a plenitude, na Modernidade surgiu a urgência de arquitetar um dispositivo da sexualidade cujas estratégias se direcionavam a quatro focos principais: o corpo da mulher como função materna, a pedagogização do sexo da criança, o

sexo dos casais e a descendência, e ainda, a região do prazer perverso ou desviante. Neste trabalho, centro-me no último alvo.

Michel Foucault nunca elaborou um conceito fixo para dispositivo em suas obras, mas em uma das entrevistas que concedeu, define-o como:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244).

Assim, a Medicina, a Psiquiatria e o Direito formularam “saberes técnicos, tais como enquetes, classificações, exames transcritos em tabelas, gráficos comparativos que descrevem e analisam o desempenho de cada indivíduo” (ARAÚJO, 2008, p. 161). Dessa forma, construam a identidade dos sujeitos em seu foro íntimo, sexual, subjetivo. Mas esses saberes não atuavam de modo a reprimir o sexo, pois isso anularia a sua serventia.

O dispositivo da sexualidade leva à produção de verdades para/sobre o sujeito através do “sexo”, pois com ele “arma-se toda uma rede de saberes que irão formular a verdade sobre o sexo de cada um, mostrando-o como pulsão e como revelador do que cada um é” (ARAÚJO, 2008, p. 165).

A partir dessas objetivações científicas, criam-se pares que antagonizam a normalidade e a anormalidade, ou seja, “a extensão do domínio da norma se realizou através de um conjunto de dispositivos de exibição do seu contrário, de apresentação de sua imagem invertida” (COURTINE, 2006, p. 261). A homossexualidade seria, portanto, a “imagem invertida” da heterossexualidade.

Antes mesmo do século XVIII, a moral cristã já pregava uma ideia de perversão ao condenar o amor homossexual ao pecado, associando-o a um atentado contra a natureza divina. Esse discurso atravessou séculos e ainda se materializa na contemporaneidade, como veremos na análise dos enunciados.

Com o dispositivo da sexualidade, a condição de contrair relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, ou até mesmo sentir esse desejo, passou a ser classificada como distúrbio e chamada de “homossexualismo” – com o sufixo “ismo” indicando doença.

O saber atestado pela ciência foi incorporado às leis e exercido nos recônditos da sociedade. Até junho deste ano, a transexualidade figurava na lista de doenças mentais da Organização Mundial de Saúde (OMS); até 1990, a homossexualidade também.

Um dos exemplos mais notórios dessa objetivação é o do matemático Alan Turing, que desempenhou um importante papel nas Ciências da Computação criando a base fundamental para os estudos sobre inteligência artificial. Assim como outros quase 50 mil homens britânicos, ele foi condenado pela lei que, até 1967, proibia a homossexualidade na Inglaterra. Preferiu a castração química à prisão. Nem a sua genialidade comprovada foi suficiente para evitar a condenação. Dois anos depois, Turing foi encontrado morto em sua casa, ao lado de uma maçã envenenada com cianeto (ABDO, 2016). Embora as leis francesas não proibissem a homossexualidade, Michel Foucault também vivia em uma sociedade que a repelia. Ele queria se libertar, mas não podia. Era um estudante brilhante e, depois, um professor renomado. Subjetivou-se em suas obras, como ele mesmo declarou:

Toda vez que tentei fazer um trabalho teórico foi a partir de elementos da minha própria experiência: sempre em relação com processos que via se desenrolarem a minha volta. Porque eu julgava reconhecer fendas, abalos surdos, disfunções nas coisas que via, nas instituições às quais estava ligado, em minhas relações com os outros, foi que empreendi tal trabalho – um fragmento de autobiografia.⁴

A partir de seus escritos, podemos refletir sobre as marcas do preconceito que se arrastam até os dias de hoje. Nitidamente avançamos em algumas políticas e práticas. No entanto, “apesar da aparente abertura que os segmentos homossexuais obtiveram na chamada sociedade heteronormativa, é preciso considerar que essa relação de saber/poder envolve relações de força, de poder e de resistência” (OLIVEIRA; BARACUHY, 2017, p. 279).

A visibilidade da comunidade LGBTQ através de artistas como a *drag queen* Pablo Vittar propõe que discutamos sobre essas questões e atentemos para as facetas do preconceito. Todo o clipe da música *Indestrutível* é editado em preto e branco e em proporção de tela 4:3 (usada na TV analógica e sucedida pela proporção 16:9 na TV digital), o que remete à memória de imagens antigas, aparentemente passadas, à eliminação do colorido da bandeira LGBTQ.

Após a primeira cena, em que um jovem homossexual tem sua cabeça afogada no vaso sanitário do banheiro da escola por outros estudantes, um dado estatístico emitido pela

⁴ Citação retirada da biografia de Michel Foucault, escrita por Didier Eribon (1990, p. 43). A declaração original está em Michelle Perrot, “La leçon des ténèbres, Michel Foucault et la prison, Actes”. *Cahiers d’action juridique*, nº 54, verão de 1986, pp. 76-7.

conjunta das comissões de Relações Exteriores e de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados revela que o preto e branco não se restringe ao passado, pois “73% dos jovens LGBTQ+ no Brasil são vítimas de *bullying* e violência nas escolas”. Essa estatística, assim como aquelas citadas na introdução deste artigo, constitui saberes que legitimam práticas de resistência. E é a elas que nos dedicaremos a seguir.

3. Vida incolor: anulação do corpo como resistência à heteronormatividade na era digital

A alma funciona maravilhosamente dentro do meu corpo: [...] escapa para sonhar quando durmo, para sobreviver quando morro. [...] A minha alma durará muito tempo, e mais que muito tempo, quando o meu velho corpo apodrecer. Viva a minha alma! É o meu corpo luminoso, purificado, virtuoso, ágil, móvel, túbio, fresco; é o meu corpo liso, castrado, arredondado como uma bolha de sabão.

(Michel Foucault, 1966)

O clipe continua. As agressões também. Esbarrões propositais no corredor da escola, risadas depreciativas, ressoantes e perturbadores “viados” lançados em cuspes de homofobia. Em alternância a essas cenas, Pabllo Vittar canta sozinha em uma sala com pouca luminosidade, cercada por espelhos quebrados. Um filtro de embaçamento e rachaduras acompanha quase todo o vídeo como se o reflexo do corpo homossexual estivesse destroçado, fadado à distorção. A música segue, num misto de sofrimento e esperança: “O que me impede de sorrir / É tudo que eu já perdi / Eu fechei os olhos e pedi / Para, quando abrir, a dor não estar aqui / Mas sei que não é fácil assim / Mas vou aprender no fim / Minhas mãos se unem para que / Tirem do meu peito o que é de ruim / E vou dizendo / Tudo vai ficar bem / E as minhas lágrimas vão secar / Tudo vai ficar bem / E essas feridas vão se curar”.

O clipe apresenta ainda um beijo entre dois homens jovens, um deles é o protagonista do vídeo. Nas cenas posteriores, com o rosto maquiado, o rapaz prova uma roupa feminina em seu quarto, enquanto sua mãe o observa à espreita pela fresta da porta, em um semblante de estranheza e insegurança. Logo depois, ele é agredido com murros e boladas no ginásio da escola, durante uma partida de futebol, por outros alunos que também jogavam. E, marcado por hematomas e por feridas internas, é recebido com afago nos braços da mãe.

Essa história se repete silenciosamente nos microcosmos da sociedade brasileira e traz consequências desastrosas a esses sujeitos como a renegação da própria sexualidade, de suas subjetividades, bem como a tentativa de apagamento do corpo através da morte voluntária.

Em vista de todos os fatores de objetivação elencados na seção anterior, não é de se surpreender que alguns homossexuais interiorizem a homofobia, o que acarreta uma cadeia de consequências perigosas.

A interiorização dessa violência, sob a forma de insultos, injúrias, afirmações desdenhosas, condenações morais ou atitudes compassivas, impele um grande número de homossexuais a lutar contra seus desejos, provocando, às vezes, graves distúrbios psicológicos, tais como sentimento de culpa, ansiedade, vergonha e depressão (BORRILLO, 2010, p. 101).

No livro *Homofobia: história e crítica de um preconceito*, Daniel Borrillo cita o suicídio como um dos “destinos trágicos” da interiorização da homofobia. Assim, esse ato fatal comumente associado ao domínio científico – no âmbito da Saúde Mental –, classificado como ápice de alguns transtornos psíquicos e inibido também pelo uso de medicamentos, é apresentado, nas circunstâncias da homofobia, como uma patologia social.

Já no final do século XIX, Émile Durkheim enxergava o suicídio – não apenas o de homossexuais – como um fenômeno social, e não individual. Após uma série de estudos sociológicos, uma de suas conclusões foi esta:

Quanto aos incidentes da vida privada que parecem inspirar imediatamente o suicídio e que se considera serem as condições determinantes, não são na realidade senão causas ocasionais. Se o indivíduo cede à mais pequena contrariedade da vida, é porque o estado em que se encontra a sociedade fez dele uma vítima do suicídio (DURKHEIM, 1996, p. 205).

Em resposta ao acontecimento discursivo rapidamente descrito acima – o clipe de *Indestrutível* –, insurgiram depoimentos nas redes digitais, enunciados por sujeitos anônimos que se identificaram com a história e ganharam visibilidade a partir da publicação de seus relatos íntimos. Esse “estrato escondido de acontecimentos difusos, ‘atmosféricos’, policéfalos que, afinal, determinam, e profundamente, a história do mundo” (FOUCAULT, 2000, p. 292) será aqui desvelado.



Figura 1 – Depoimento do usuário “léo”, no *Twitter*.
Fonte: print da tela do computador feito pelos autores.

O enunciado acima reforça todo o pensamento organizado nas páginas anteriores. No entanto, ele constrói uma verdade fincada no pilar da subjetividade, uma verdade que se afirma devido “à correspondência entre o discurso e o modo de vida com o qual aquele que fala se acha comprometido” (PORTOCARRERO, 2008, p. 426).

Através do relato pessoal de agressões psicológicas profundas e de uma tentativa de suicídio – temas comumente interditados, segregados ou escondidos da arena social –, esse usuário do *Twitter* estabelece um “dizer verdadeiro”, um “falar francamente”, um gesto parresíastico. Embora Michel Foucault declare a dificuldade de precisar um conceito para parresía, ele aponta duas características pertinentes para esta reflexão: em alguns casos o sujeito deve “dar prova de parresía” e em todas as situações deve assumir os riscos do seu dizer (FOUCAULT, 2010).

A necessidade de manifestar discursos de resistência à homofobia leva o usuário a “dar prova de parresía” à sociedade, expondo zonas íntimas de sua vida e submetendo-se às possibilidades de exclusão e crítica, em decorrência do tabu que ainda hoje entorna o suicídio, estereotipado tantas vezes como pecado, fraqueza ou loucura.

Ao interiorizar a abominação que os poderes heteronormativos produziram, o sujeito culpou a si mesmo e, ao tomar “quase um recipiente de detergente”, relegou o seu próprio corpo ao lugar da inexistência em busca da alma – “corpo castrado”, segundo Foucault –, na única tentativa de resistência que lhe parecia ter restado. Não uma prática de resistência premeditada, mas uma reação aos poderes que incidiam em seu corpo.

As práticas de resistência, nos diz Foucault, não se exercem de maneira padronizada, não são leis revolucionárias elementares, mas “são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, *espontâneas*, selvagens, *solitárias*, planejadas, arrastadas, *violentas*, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou *fadadas ao sacrifício*” (FOUCAULT, 1988, p. 91, grifo nosso).

Na metade do relato, o usuário diz que, embora seus pais perguntassem sobre sua mudança de comportamento, ele “mentia com medo de sofrer ataques ainda maiores”. Isso nos mostra as inter-relações entre a família e o dispositivo da sexualidade. Como nos revela Foucault (1988), a família serviu como suporte para as grandes “manobras” dos poderes. E ainda hoje ela serve, atravessada principalmente pelo discurso religioso cristão – milenar – que associa a homossexualidade à desobediência ao divino. Isso pode ser percebido também no próximo enunciado.



Figura 2 – Vídeo do canal “Virou Festa”.

Fonte: print da tela do computador feito pelos autores.

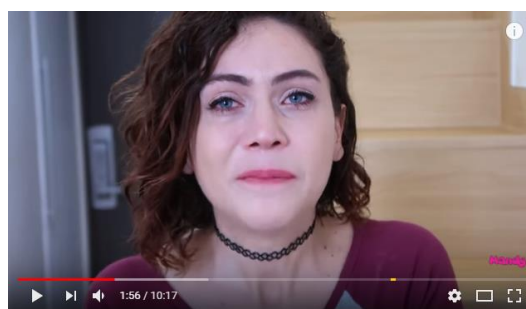


Figura 3 – Vídeo do canal “Mandy Candy”.

Fonte: print da tela do computador feito pelos autores.

A figura 2 representa um vídeo feito por Tiago Fabri e Alexandre Duarte (da esquerda para a direita), que filmam as suas reações ao assistirem pela primeira vez ao clipe de *Indestrutível*. Apesar de não haver menções ao suicídio, uma das falas de Tiago se associa ao dispositivo da religião e revela um sofrimento intenso: “Eu lembro que eu cheguei um dia da escola, e eu me tranquei no banheiro. [...] E eu só pedia pra Deus me deixar normal porque eu

não podia continuar sendo diferente das pessoas”. Aqui, através de um enunciado efetivamente produzido, percebemos quão profundos são os efeitos da normalização. Nessa situação, os textos bíblicos e os dogmas sustentam práticas discursivas e não discursivas que oferecem ao corpo homossexual a alternativa da oração e da imersão espiritual como caminho para a cura das “pulsões sexuais” contrárias à lei divina. A impossibilidade de atingir essa “purificação”, por vezes, apresenta a morte como única alternativa de liberdade.

No vídeo representado pela figura 3, Mandy Candy, uma mulher transexual, declara que se viu no clipe. Chorando, ela fala que repetiu a mesma série três vezes por não conseguir ir à escola em decorrência do *bullying*.

Um dos espaços em que as relações de poder se intensificavam era o campo de futebol, semelhante à cena representada no clipe: “Essa parte da Educação Física eu já passei também. Nunca vou esquecer. O pessoal jogava bola na minha cabeça, ficava falando que eu não sabia jogar. ‘Vai jogar junto com as meninas porque você não nasceu pra isso’”.

Ambos os vídeos ressaltam o terreno do esporte, principalmente o futebol, como um lugar que interdita e repele a homossexualidade, delegando-lhe outras modalidades esportivas como “adequadas” a essa orientação sexual, como o balé e a ginástica artística, por exemplo. Tais atitudes heteronormativas se baseiam também em saberes biológicos sobre gênero e sexualidade – o homossexual teria características convencionadas historicamente para o sexo feminino, como falta de virilidade e de força, o que o tornaria falho no futebol masculino e o reprovava nos exames médicos, por exemplo. A essa e outras violências simbólicas cotidianas reage o corpo homossexual, em uma resistência autoinfligida, como diz Mandy: “Eu achava, na minha cabeça, que o problema era eu. Tanto que eu já contei aqui no canal que eu já tentei suicídio também porque era muito tenso”.

O discurso sobre o ato de tirar a própria vida como patologia social ganha suporte de visibilidade nas redes digitais e aí encontra um canal de resistência para expor a gravidade da homofobia e a concretude do suicídio. Os exemplos de Léo, Tiago, Mandy e até mesmo de Pablo nos provam que “atualmente, assistimos ao florescer de confissões midiáticas, através das quais os sujeitos evidenciam, principalmente, aspectos de suas vidas privadas” (SILVA; BARACUHY, 2015, p. 184). Esses dizeres parresiásticos hipervisibilizados proliferam a ideia de que “tudo vai ficar bem” e reacendem a esperança da comunidade LGBTQ – ou pelo menos, propõem-lhe a liberdade através da autoafirmação e da existência material de suas subjetividades.

4. Vida em arco-íris: práticas de liberdade ressoam nas redes insondáveis de esperança

Também o amor, assim como o espelho e como a morte, acalma a utopia do teu corpo, a cala, a acalma, a fecha como numa caixa, a fecha e a sela. É por isso que é um parente tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça da morte; e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o rodeiam, se gosta tanto de fazer o amor é porque, no amor, o corpo está aqui.

(Michel Foucault, 1966)

Após percorrer um sinuoso caminho filosófico, Michel Foucault finaliza o poético texto *O Corpo Utópico* (1966), elevando o espaço cambiante do corpo em contrapartida ao espaço carcerário que enaltecera no início de sua reflexão. Pensamos que ele sabia exatamente onde queria chegar, mas era necessário começar com a ideia oposta para que finalmente chegasse ao argumento principal e, assim, segurasse na mão do leitor para trilhar com ele essa estrada de descobertas.

Em suas concepções sobre práticas divisoras, normalização e objetivação, por exemplo, pois “a análise foucaultiana das problematizações permite traçar certas circunstâncias para apontar espaços de abertura para um campo de invenções de novas formas de vida e de experimentações” (PORTOCARRERO, 2008, p. 422).

É preciso esquadrihar as relações de saber-poder que nos objetivam e constroem nossas identidades. Não somente para nos perguntarmos “quem somos nós, hoje?” e para mantermo-nos aprisionados. Mas para ensinarmos mudanças e indagarmos-nos: “como podemos ser diferentes?”.

Os sujeitos aqui analisados também seguiram esse rumo: apresentaram as normalizações que lhes atingiram para, depois, inspirarem esperança. E resistiram. Abandonaram a “infâmia” para alcançar o mundo. Somente ao chocarem-se com o poder revestiram-se de visibilidade (FOUCAULT, 2003). E essa projeção gigantesca só é possível sob condições tecnológicas que Manuel Castells denomina “autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet” (CASTELLS, 2013, 158). Embora o sociólogo centre seus estudos em manifestações sociais como a Primavera Árabe, podemos enxergar os enunciados aqui elencados como um dos movimentos que

Exigem uma mobilização emocional desencadeada pela indignação que a injustiça gigante provoca, assim como pela esperança de uma possível mudança em função de exemplos de revoltas exitosas em outras partes do mundo, cada qual inspirando a seguinte por meio de imagens e mensagens em rede pela internet (CASTELLS, 2013, p. 159).

Em outros lugares do mundo, um dos versos do refrão da música (“Tudo vai ficar bem”) dialoga com outros enunciados através de redes de memórias discursivas relacionadas ao suicídio e à homofobia.

A mobilização *It Gets Better Project*⁵, nascida nos Estados Unidos e aderida por outros países – inclusive pelo Brasil, com menos alcance –, divulga vídeos de sujeitos anônimos e famosos, homossexuais e heterossexuais, contendo mensagens de luta contra o preconceito. Até mesmo o presidente Barack Obama gravou um vídeo. O projeto foi criado em resposta aos numerosos casos de adolescentes que cometeram suicídio devido ao *bullying* homofóbico. Essa teia interdiscursiva já foi prevista por Foucault. Segundo ele, não existem enunciados livres, neutros e independentes, “mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo” (FOUCAULT, 2008, p. 112).

A série enunciativa apresentada anteriormente, portanto, evidencia as condições de emergência de uma representatividade LGBTQ, de um cuidado de si e do outro através das próprias experiências de vida.

Na figura 1, o usuário destaca em letras garrafais sua gratidão pela existência de Pablló Vittar, por ela “ser alicerce, dar voz e visibilidade a um movimento que tentam aniquilar”.

No vídeo representado pela figura 2, Mandy diz que durante sua adolescência, “não tinha ninguém que nem a Pablló Vittar pra que eu pudesse me inspirar, pra que eu pudesse dizer assim: ‘Não, tudo vai ficar bem porque se a Pablló conseguiu, eu também vou conseguir superar’”.

No vídeo representado pela figura 3, Tiago fala que “queria ser jovem nessa época para ter a Pablló pra me defender”. Todos os enunciados convergem para o reconhecimento de que as resistências operadas através da arte, da mídia e, principalmente, da discursivização sobre as experiências pessoais amortecem os ataques da homofobia. Da mesma maneira, os seguidores de Léo, Tiago, Alexandre e Mandy devem se sentir reconfortados e esperançosos a partir dos relatos publicados. Há, aqui, o que Foucault chama de cuidado de si, resultado de

⁵ Projeto fundado nos Estados Unidos pelo jornalista Dan Savage e seu cônjuge, Terry Miller, em 21 de setembro de 2010, com o objetivo de prevenir novos casos de suicídio através de vídeos motivadores de pessoas de diferentes orientações sexuais. Na primeira semana de existência, o canal do projeto no *YouTube* atingiu o limite de 650 vídeos enviados. Em seguida, foi criado um site próprio para abrigar os vídeos. No site, mais vídeos foram postados e as visualizações ultrapassaram a casa dos 40 milhões.

uma cultura de si, de uma autotransformação e um autodomínio que buscam estilizar a vida à procura da felicidade. Entretanto, esse gesto não é solitário; necessita de um vínculo com o outro, já que “não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com o outro” (FOUCAULT, 2010, p. 43). Esse cuidado de si e do outro implica no governo de si e do outro, em estratégias associadas à parresía que produzem verdades e poderes.

Os sujeitos escolhidos para este trabalho reverberam vozes que suplicam por ajuda e conclamam outras tantas a lutar. É o governo das resistências que irrompe das subjetividades, das práticas de liberdade. Pôr em discurso, nas redes digitais, a homofobia e o suicídio eleva os corpos normatizados ao espaço visível do reconhecimento e da desconstrução das normas.

5. Considerações finais

“Se recebo dor, te devolvo amor / E quanto mais dor recebo / Mais percebo que sou / Indestrutível”. Assim como nas últimas palavras de *O Corpo Utópico*, no trecho final da música, o fazer amor – e não guerra, parafraseando Bob Marley –, em todos os sentidos possíveis, é um gesto que materializa o corpo no espaço temporal do “aqui”.

O amor, sentimento comumente censurado à homossexualidade, concretiza-se para além da atração física, na materialidade do zelo, do cuidado, do respeito e da compaixão entre companheiros do mesmo sexo.

Não pretendemos, neste breve espaço de algumas páginas, provar uma hipótese ou formular uma teoria geral sobre o suicídio como resistência aos poderes da heteronormatividade. Não quisemos apontar catalogações deterministas que produzissem o estigma de que toda pessoa homossexual ou transexual estará condenada perpetuamente à infelicidade. Há que se considerar diversos fatores, até mesmo biológicos ou genéticos, que levam cada sujeito a preferir a morte à vida.

Propusemos, entretanto, uma reflexão sobre as relações sociais de saber-poder que levam ao sofrimento psíquico e ao suicídio como uma “reação”, uma forma autoinfligida de resistir. Reflexão questionável e revogável, arremessada ao rio descontínuo da História. Este, afinal, é um dos fundamentos da Análise do Discurso: oferecer alternativas para um processo de leitura crítica da sociedade, escavando saberes que constroem o verdadeiro de cada época e instauram poderes, assumindo as possibilidades várias das derivas de sentido em um gesto de interpretação inacabado no qual jamais descobriremos a verdade absoluta.

Finalizamos, enfim, com alguns desejos. Que você, leitor e cidadão, não feche os olhos para as múltiplas e silenciosas violências que se desenrolam ao seu redor. Que esse tema não se esgote aqui, mas reverbere nas universidades, nas escolas, na mídia, nas rodas de amigos, nas casas de família. Que economizemos eufemismos, encaremos o suicídio e a homofobia de frente, e impeçamos seu descarte nos recônditos da invisibilidade social. Que sejamos materialmente capazes disso! Talvez nossos desejos sejam utópicos, inacessíveis. Mas os nutrimos crendo que o nosso “corpo, de fato, está ‘sempre’ em outro lugar [...] o coração do mundo é esse pequeno núcleo utópico a partir do qual sonho, falo, me expresso, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino” (FOUCAULT, 2010, p. 15).

Referências

ABDO, Humberto. Como Alan Turing revolucionou a computação. *Galileu*, 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/06/como-alan-turing-revolucionou-computacao.html>. Acesso em: 25 jul. 2018. (Reportagem em site jornalístico)

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2008. (Obra completa)

ARTIÈRES, P. Dizer a atualidade: o trabalho diagnóstico em Michel Foucault. In: *Foucault: a coragem da verdade*. GROS, F. (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2004. pp. 15-37. (Capítulo de livro)

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Obra completa)

CANDY, Mandy. *Chorei e desabafei assistindo a Indestrutível da Pablllo Vittar*. 2018. (10m17s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-nyGj0kj7kQ>. Acesso em: 12 nov. 2018. (Vídeo no YouTube)

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda., 2013. (Obra completa)

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). *História do corpo: As mutações do olhar*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. pp. 253-340. (Capítulo de livro)

DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1996. (Obra completa)

ERIBON, Didier. *Michel Foucault, 1926-1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (Obra completa)

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2008. (Obra completa)

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999. (Obra completa)

_____. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, pp. 203-222. (Capítulo de livro)

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. (Obra completa)

_____. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013. (Obra completa)

_____. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France*. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Obra completa)

_____. O Sujeito e o Poder. In: Dreyfus, H.; Rabinow, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. (Capítulo de livro)

_____. Sobre a História da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 247. (Capítulo de livro)

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (Obra completa)

GREGOLIN, M. R. V. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. *Revista Moara*. Belém, Edição 43, pp. 6-25, jan-jun 2015. (Artigo em periódico)

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, pp. VII-XXIII. (Capítulo de livro)

OLIVEIRA, Dayane; BARACUHY, Regina. Notas sobre a polêmica do “beijo gay” em um desenho animado infantil da Disney. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, nº 57, pp. 277-296, jul-dez 2017. (Artigo em periódico)

PORTOCARRERO, V. Os limites da vida: da biopolítica ao cuidado de si. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Capítulo de livro)

SAMORANO, Carolina. Discriminação e hostilidade levam mais jovens gays ao suicídio. *Metrópoles*, 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/direitos-humanos-br/discriminacao-e-hostilidade-levam-mais-jovens-gays-ao-suicidio>>. Acesso em: 25 jul. 2018. (Reportagem em site jornalístico)

SILVA, F. V. da; BARACUHY, Regina. “O que vi na vida”: discursos sobre si, celebridade e mídia. *Entretextos*. Londrina, v. 15, n. 2, pp. 173-191, jul-dez 2015. (Artigo em periódico)

VIROU FESTA. *Reagindo a Indestrutível da Pablllo Vittar! | Virou Festa*. 2018. (8m16s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kWm-7qWhV6k>>. Acesso em: 12 nov. 2018. (Vídeo no *YouTube*)

VITTAR, Pablllo. *Pablllo Vittar – Indestrutível (Vídeoclipe Oficial)*. 2018. (4m47s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww>>. Acesso em: 12 nov. 2018. (Vídeo no *YouTube*).